

PARTICIPE!

**Cartilha destinada a empresas para reconhecer
e apoiar mulheres em situação de violência
doméstica no ambiente de trabalho**



Apresentação

Esta cartilha foi desenvolvida com o intuito de informar empresas à respeito da violência doméstica e dos Direitos das Mulheres, além de mostrar como podem contribuir positivamente na luta contra a violência por meio do programa Tem Saída, que atua na garantia da autonomia econômica das vítimas.

Introdução

O Brasil, atualmente, ocupa o quinto lugar no ranking mundial de feminicídios, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH). Quando ouvimos a expressão “o machismo mata” ou a palavra feminicídio, nos questionamos sobre o que está por trás da morte violenta de uma mulher. Na verdade, o que caracteriza esta ação é o menosprezo ou a discriminação à condição feminina, ou seja, o SER MULHER.

Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgados em julho/2024 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o número de mulheres que sofreram algum tipo de violência doméstica no Brasil em 2023 representa um aumento de 9,8% comparado ao ano de 2022. O número 190, da Polícia Militar, foi acionado 848.036 vezes para reportar episódios de violência doméstica. As mulheres são vítimas de lesão corporal dolosa e outras 11 mil sofreram com tentativas de feminicídio. São milhares de mulheres que sofrem com agressões físicas e psicológicas, seja através do uso de armas de fogo e facas ou com xingamentos e ameaças. Existem, ainda, as mulheres que não conseguem sair do ambiente de violência e sofrem agressões durante toda a vida. Portanto, ainda precisamos combater a violência familiar contra as mulheres no país.

Nesta cartilha, você encontrará informações sobre como reconhecer e apoiar uma mulher que seja vítima de violência e esteja dentro do seu ambiente de trabalho. Este material também auxiliará a impactar positivamente a vida de milhares de mulheres por meio de experiências e boas práticas de empresas que possuem parceria com o programa Tem Saída. O programa é uma das formas de romper com o agressor, uma vez que a liberdade econômica e financeira contribui para que a mulher conquiste pelo menos parte da sua independência e autoestima.

O programa

O Programa Tem Saída é uma política pública realizada pela Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Trabalho, em parceria com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, Secretaria Municipal de Segurança Urbana, Defensoria Pública do Estado de São Paulo, o Ministério Público do Estado de São Paulo, Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo e OAB-SP, que busca promover a inclusão econômica de mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

Esse conjunto de esforços promove a reinserção dessas no mercado de trabalho, para que com autonomia financeira e apoio das demais políticas públicas, a mulher possa sair do ciclo de violência em que está inserida. Seu principal objetivo é viabilizar a independência financeira de mulheres, por meio do trabalho e da geração de renda, contando com o apoio da iniciativa privada, que disponibiliza vagas e oportunidades de empregos exclusivas para as beneficiárias. As empresas são sensibilizadas e capacitadas para acolher as vítimas e trabalhar com elas.

Parceiros e atuações

A violência contra a mulher deve ser combatida por vários ângulos, por isso o programa conta com vários parceiros a fim de criar uma rede de proteção e assistência para você!

Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Trabalho

Atua na mobilização de empresas e na captação de vagas e oportunidades de trabalho. Coordena, junto às empresas, os processos seletivos, prestando apoio e acompanhamento às beneficiárias.



Oferece orientação jurídica de forma gratuita. Atende vítimas de violência através do NUDEM - Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos das Mulheres, e as encaminha para o programa.



Cabe à Ordem dos Advogados do Brasil dar apoio ao trabalho dos órgãos de Justiça nesse processo, prestando todo apoio jurídico necessário ao programa.



A Coordenadoria da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Poder Judiciário (COMESP) atua no combate e prevenção à violência de gênero, fornecendo subsídios técnicos para a formulação de políticas judiciárias e atuando na interlocução com a rede de atendimento à mulher.



Promove ações penais de responsabilização dos autores de violência doméstica e familiar e solicita medidas protetivas. Desenvolve ações de orientação às mulheres em situação de violência, capacitação de profissionais da rede de atendimento às mulheres, fiscalização de políticas públicas.

Parceiros e atuações

Secretaria de
Direitos Humanos
e Cidadania

Secretaria de
Segurança Urbana

Secretaria de Assistência
e Desenvolvimento
Social

As Secretarias Municipais de Direitos Humanos e Cidadania, de Assistência e Desenvolvimento Social e de Segurança Urbana atuam de forma integrada no acolhimento às mulheres beneficiárias do Programa Tem Saída.

A rede oferece acolhimento humanizado, atendimento social e psicossocial, acompanhamento psicológico, orientação jurídica e proteção especializada, além de realizar os encaminhamentos necessários aos serviços de apoio.

O atendimento também conta com guardas civis metropolitanos especialmente capacitados para acolher, orientar e encaminhar as vítimas aos equipamentos e serviços da rede municipal de proteção.



Empresas parceiras

As empresas apoiadoras do programa disponibilizam vagas exclusivas para as mulheres em situação de violência doméstica. Todas as empresas parceiras passam por processo de sensibilização e treinamento para entenderem da forma mais completa possível

como lidar com as beneficiárias e com o tema da violência dentro de suas organizações. Se sua empresa deseja participar do programa Tem Saída, oferecendo vagas e contratando participantes, mande um e-mail para: temsaida@prefeitura.sp.gov.br

O que é violência de gênero?

A violência de gênero é uma forma de violência física ou psicológica praticada contra qualquer pessoa, ou grupo de pessoas, se utilizando como base o seu sexo ou gênero, impactando de maneira negativa no bem-estar social, físico e/ou psicológico da vítima. De acordo com a Organização das Nações Unidas o termo é funcional ao distinguir a violência comum daquela que se dirige ao indivíduo, em relação ao seu gênero. Isso significa que essa violência da qual

sofrem muitas mulheres, provavelmente, é praticada pelo seu agressor por acreditar que homens devem exercer sua força de dominação e potência sobre elas, preceitos que devem ser desconstruídos na nossa sociedade.

A violência de gênero, como fenômeno social, encontra-se presente em todas as classes e em diversas culturas, e é nosso trabalho lutar para que essa forma de violência não mais aconteça.

O que é violência doméstica?

A essência da violência doméstica consiste num padrão de violências coercitivas, que podem ser físicas, sexuais, psicológicas e verbais. A violência coercitiva acontece quando o agressor acredita que a mulher fez algo “errado”, como por exemplo não servir o jantar na hora que ele quer, e por conta disso, se utiliza de agressões para punir e repreender a vítima.

Muitas vezes a violência doméstica inclui comportamentos controladores, como a insistência em isolar a vítima de amigos e

familiares, o monitoramento constante e restrições de todos os tipos - desde roupas até lugares que devem ser frequentados.

As diferentes formas de violência podem se apresentar de maneiras muito diferentes, podendo ser, por vezes, de difícil percepção. Em muitos casos a violência física é precedida por outras formas de violência, como a violência psicológica ou a patrimonial, e é muito importante que a mulher esteja atenta à esses sinais e procure ajuda caso julgue necessário.

Magnitude do problema

X Mercado de trabalho

Apesar de todo esforço para combater a violência doméstica nos mais diversos níveis no país, os números seguem crescendo

Em 2024, foram registrados **1.450** feminicídios e **2.485** homicídios dolosos (com a intenção de matar) de mulheres e lesões corporais seguidas de morte.

O RASEAM 2025 mostra o registro de **196** estupros por dia no Brasil, **71.892** casos em 2024.

Desde 2022, **52%** das mulheres são maioria entre as pessoas **responsáveis pelos domicílios brasileiros**.

A taxa de desocupação feminina foi **7,7%**, contra **5,3%** da dos homens.

A mão de obra feminina ganha **22% menos** que a masculina.

848.036 vezes o número **190 da Polícia Militar** foi acionado para reportar casos de violência doméstica, sendo **778.921** em números absolutos nos **casos de ameaças**. **2.797** mulheres **quase perderam a vida**.

3,7 milhões de mulheres estavam **sem trabalho e em busca ativa** por oportunidade de trabalho, em 2024.

Fontes:

Ministério das Mulheres - Agência Brasil
Relatório Anual Socioeconômico da Mulher - Ministério das Mulheres - Agência Brasil
DIEESE - Boletim Especial - Dia Internacional da Mulher (março 2025)
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2024)
Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE - PNAD-C IBGE
Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024



Quando tratamos de mercado de trabalho, as mulheres são o grupo com menores oportunidades:

Segundo o Relatório Anual Socioeconômico da Mulher - RASEAM 2025, o número de domicílios brasileiros chefiados por mulheres, em 2023, eram 40,2 milhões. A concentração desses domicílios, cuja pessoa responsável é do sexo feminino, estão nas regiões mais populosas do país: Sudeste, Nordeste e Sul. Considerando a taxa de desocupação feminina de 7,7% (2023) e os índices de desigualdade salarial entre mulheres e homens, conclui-se que os esforços por uma remuneração igualitária e melhores condições trabalhistas para o público feminino, pouco avançou no Brasil. A taxa de participação na força de trabalho, que é a proporção da população de 14 anos ou mais de idade que está ocupada ou desocupada, tende a ser historicamente menor entre as mulheres, seja pela entrada tardia delas no mercado de trabalho, ou pela desigual divisão dos afazeres e dos cuidados domésticos, com os filhos ou familiares idosos. Observamos a desigualdade de gênero entre os grupos de idade ativa, entre 25 e 39 anos, a taxa de participação na força de trabalho masculina é de 91,6% e da feminina é de 71,9%. A maior diferença entre as taxas de homens e mulheres ocorre na faixa etária produtiva de 40 a 59 anos - 21,6% maior para homens. A educação é um campo social fundamen-

tal para o avanço da igualdade entre mulheres e homens. A taxa de alfabetização entre as mulheres mais jovens é de quase 100%, sendo em 2023, o índice de 99,5% na faixa etária de 15 a 24 anos e de 98,2% entre 25 e 49 anos. Apesar da alta escolaridade feminina, dados do Ministério do Trabalho e Emprego (março 2024) apontam que apenas 32,6% das empresas têm políticas de incentivo à contratação de mulheres; o valor é ainda menor quando se consideram grupos étnicos, como por exemplo: mulheres pretas - 26,4%; mulheres com deficiência - 23,3%; LGBTQIAPN+ - 20,6%, e mulheres vítimas de violência - 5,4%.

Por fim, a questão de desigualdade de gênero, que é uma triste realidade no Brasil, alcança todas as mulheres independente de faixa etária, etnia e condição social. Entre todos os eixos desta desigualdade, a mulher vítima de violência enfrenta, frequentemente sozinha, o pré-conceito da sociedade. A violência doméstica e familiar contra a mulher há tempos deixou de ser uma questão apenas social e de saúde pública, é um ponto fundamentalmente econômico. As agressões restringem o desenvolvimento das potencialidades da mulher, inclusive a sua inserção, permanência e produtividade no mercado de trabalho.

Para uma mulher que não é vítima de violência, o mercado de trabalho já é algo difícil e muitas vezes impossível.

Imagine para uma mulher que sofre com a violência dentro da própria casa?

Rompimento de ciclos de violência doméstica

Empoderamento econômico e financeiro

No árduo processo de rompimento deste ciclo de violência, o empoderamento econômico e financeiro da mulher pode se apresentar como uma peça-chave para a superação da situação violenta à qual está sujeita.

Muitas vezes as mulheres que são vítimas de violência doméstica e familiar possuem os seus direitos econômicos e financeiros negados por aquele que pratica a violência, não podendo trabalhar, ou tendo que entregar seus salários e rendimentos

para o agressor. Muitas dessas mulheres ainda são dependentes financeiramente do agressor, o que faz com que a quebra desse ciclo seja mais complicada.

Ao estimular a colocação profissional de mulheres que se encontram nessa situação, procuramos romper com esses padrões de atuação violenta que atuam na subjugação desta mulher, empoderando-a e tornando possível a busca por uma independência cada vez maior de seus agressores.

Por que empoderar mulheres economicamente?

A mulher é, muitas vezes, o elo econômico mais fraco, por conta dos motivos colocados nesta cartilha e por acumular mais papéis do que o homem, sendo a maior responsável por cuidados da casa e da família. Este cenário se torna pior, quando consideramos raça e classe social.

O empreendedorismo e a independência financeira são questões essenciais no debate da violência contra a mulher, já que podem se tornar a maneira mais efetiva de sair de situações de agressão doméstica, através do empoderamento econômico.

Muitas mulheres que ainda são vítimas de violência possuem dificuldades em romper com esses ciclos e é aqui que devem entrar os esforços conjuntos entre iniciativas econômicas e iniciativas de prevenção à violência contra a mulher.

O empoderamento financeiro liberta!

Atuação da iniciativa privada

O que a sua empresa pode fazer para combater a violência doméstica a qual podem estar sujeitas as suas próprias funcionárias?

Gerar um ambiente acolhedor e conscientizar as funcionárias sobre a violência doméstica. Muitas mulheres sentem vergonha de dividir suas histórias de agressão. O papel das empresas é de trabalhar a informação na comunicação interna, em palestras de conscientização e rodas de conversa, de forma a não julgar, mas dar apoio, fortalecer e orientar essa mulher, além de fornecer palestras para os homens também.

Com base nessas conversas, treinar funcionários da liderança a identificar evidências de violência doméstica. As vítimas perdem, em média, 18 dias de trabalho por ano apenas por consequência direta da violência. Além disso, essas mulheres sofrem com perda de produtividade, capacidade de decisão, carreiras mais instáveis e maiores riscos de desenvolver depressão, e todos esses sinais podem servir como indicadores de uma situação de violência pela qual essa mulher possa estar passando.

Disponibilizar um canal telefônico ou digital no qual as funcionárias possam buscar apoio psicológico e jurídico, além de sanar dúvidas a respeito de onde conseguir auxílio.

Não suprimir o papel do Estado, mas sim ampliar a rede de apoio às vítimas, criando ambientes seguros de escuta para denúncias e tendo acesso à rede de apoio à mulher que é vítima para poder instruí-la na busca de auxílio sobre os serviços existentes.

Tentar sempre entender qual é a necessidade da vítima – se ela precisa de auxílio jurídico, financeiro, psicológico ou alguma ação em específico como mudança na rota do fretado para garantir mais segurança ao chegar em casa, adiantamento de férias, abono de faltas, ou transferência para outra localidade.

Manter uma comunicação ativa interna a respeito do tema, com rodas de conversa, workshops, pesquisas sobre violência doméstica com os funcionários para mapear o que pensam e entendem sobre o tema, eventos com convidadas especializadas, entre outras iniciativas.

O **Tem Saída** também se preocupa em auxiliar as empresas a iniciarem essa conversa. Então procure o programa para começar a abordar este tema tão importante nas suas empresas!

Boas práticas

As empresas parceiras do Tem Saída são aconselhadas a encontrar soluções que podem ser replicadas, apresentando importantes avanços no combate coletivo a qualquer forma de violência doméstica e familiar da qual podem sofrer suas funcionárias.

Quando entram no programa, as apoiadoras passam por treinamento e sensibilização junto a Equipe Técnica dos Parceiros Institucionais, que dão dicas, oferecem opções, e networking para que a empresa esteja confiante e segura de sua atuação.

Como você deve agir neste combate?

Se perceber que uma de suas colaboradoras está em situação de violência doméstica, o ideal é traçar junto a vítima um plano de segurança. Procure estabelecer uma relação de confiança, evite julgá-la, infantilizá-la, ou pior, culpá-la pelo ocorrido. Para a boa comunicação o certo é que ela seja ouvida, sem que o confidente pressuponha algo, lembre-se: cada história é única.

Na hora de aconselhá-la, cuidado com propostas irreais e equivocadas. Nunca faça promessas! Quando uma vítima se aproximar de você e confidenciar as violências sofridas, ela confia em você, e por isso, você acaba se tornando essencial, seu apoio faz toda a diferença e seu papel é fundamental!

Recursos não verbais

As vítimas por vezes apresentam os sinais de que algo não está certo através da linguagem visual. O contato visual, postura, tom de voz e inquietações podem ser pistas para identificar agressões.

Perguntas abertas X fechadas X indiretas

As perguntas servem para entender a gravidade da situação da vítima, ou até mesmo gerar uma comunicação com a mulher. Perguntar demonstra interesse e pode ser um bom recurso para fazê-la se libertar do medo da denúncia e pedir auxílio!

Cuidado para não começar a perguntar sem antes estabelecer um contato seguro com a mulher. Se ela não confia em você, ou não te têm como amigo/a, não irá confidenciar e se fechará ainda mais.

Abertas: busca entender a vítima e a situação - *"Como foi pra você?"*; *"Como você enfrentou isso?"*; *"Poderia me falar um pouco mais sobre isso?"*... Caso não haja abertura necessária, pode gerar na mulher uma atitude defensiva. Evite sempre o uso de "porquês".

Fechadas: perguntas específicas para problemas específicos. Quem pergunta decide o tom e o teor da conversa - *"Você está com o agressor?"*; *"Você já o deixou antes?"*

Indiretas: dá a chance da pessoa responder (ou não) e contribui na melhora do clima durante a conversa, fazendo com que a vítima não se sinta tão envergonhada ou pressionada. *"Estou aqui pensando, deve ser difícil"*; *"Você parece se sentir mais forte hoje"*.



Se você se interessou pelo trabalho do Programa Tem Saída e gostaria de se juntar a nós no Enfrentamento a Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, não hesite em nos contatar.

Junte-se a nós para combater a violência e melhorar a vida tanto destas mulheres como a de suas funcionárias atuais, abrindo espaços em sua equipe para o diálogo, para o acolhimento e para novas profissionais.

temsaida@prefeitura.sp.gov.br
3224-6000 (ramais 6216 ou 6503)
Captação de vagas Cate - 3357-2400

MPSP
Ministério Público
DO ESTADO DE SÃO PAULO




DEFENSORIA PÚBLICA
DO ESTADO DE SÃO PAULO



 **PREFEITURA DE**
SÃO PAULO